

Grupo de Teatro Mulheres Míticas

apresenta

Desmonte de uma Mulher que grunhe

com Jéssica Ribas | direção: Sara Rojo

ESTREIA

Dia 18 de setembro, às 21h
no Teatro Universitário da UFMG (Sala Otávio Cardoso)
Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha

Dia 19 de setembro, às 19h, na Zap Dezoito
R. João Donada, 18 - Santa Terezinha

As sessões de Desmonte de uma Mulher que grunhe são seguidas de bate-papos

- *Dia 18 de setembro: debate com professores e estudantes do TU e o público presente;*
- *Dia 19 de setembro: debate com a diretora Cristina Tolentino, com o Núcleo de Criação Roda de Mulheres e público presente.*

APRESENTAÇÕES GRATUITAS SUJEITAS À LOTAÇÃO DOS ESPAÇOS

ESTE ESPETÁCULO FOI VIABILIZADO GRAÇAS AO PROJETO DE AÇÕES DE PROFESSORAS E
PROFESSORES FILIADOS – Edital APUBH UFMG + 01/ 2025

APUBHUFMG+
SINDICATO DOS PROFESSORES

DESMONTE DE UMA MULHER QUE GRUNHE: Em “Desmonte de uma mulher que grunhe”, Sara Rojo e Jéssica Ribas revisitam “A Mulher Porca”, do dramaturgo argentino Santiago Loza, em uma montagem que mistura cenas da obra original, novas criações, vídeos e relatos pessoais para investigar as relações entre fé, corpo, submissão e violência contra as mulheres. Ao aproximarem a trajetória da personagem de suas próprias experiências e das histórias de tantas outras mulheres, as artistas desmontam a obra para revelar suas marcas e contradições, atualizando as discussões urgentes sobre a violência que permanece presente.

Na primeira desmontagem de sua trajetória, o Grupo de Teatro Mulheres Míticas retoma “A Mulher Porca”, espetáculo que estreou em formato audiovisual durante a pandemia. Em “**Desmonte de uma mulher que grunhe**”, Sara Rojo e Jéssica Ribas retornam à obra criada a partir do texto do dramaturgo argentino Santiago Loza e constroem uma nova obra a partir da cena da qual ambas participam. A proposta é revisitar as escolhas, os procedimentos criativos e as questões que atravessaram aquele processo de criação, agora também intercaladas com memórias e perspectivas das próprias artistas.

A primeira abordagem realizada pelo coletivo do texto “A Mulher Porca” nasceu em período de distanciamento social, quando ensaios e parte significativa do processo criativo aconteceram virtualmente. O encontro presencial, fundamental à prática teatral, estava suspenso, e o grupo precisou lidar com os limites e as possibilidades de criar à distância. O resultado foi um espetáculo concebido de maneira híbrida e registrado em vídeo, experiência que marcou profundamente o processo e a relação das artistas com a obra.

Agora, anos depois, o desejo de retornar a esse material nasce da constatação de que as questões que moviam “A Mulher Porca” permanecem urgentes. A violência contra as mulheres, a subordinação dos corpos femininos, as relações de poder e as diferentes formas de vulnerabilidade continuam atravessando a sociedade. Retomar a obra, portanto, não significa apenas olhar para o passado, mas confrontá-la com o presente: perceber o que mudou, o que permaneceu e quais novas perguntas surgem quando as artistas voltam a se encontrar presencialmente com esse material.

É nesse movimento que surge a ideia de desmontagem, em vez de reconstruir o espetáculo original. “**Desmonte de uma mulher que grunhe**” abre seus mecanismos e coloca em discussão as escolhas feitas ao longo do processo. A desmontagem permite que Sara (diretora, que agora também está em cena) e Jéssica (atriz da montagem original) revelem suas próprias questões, conflitos, memórias e perspectivas em diálogo com a obra, borrando as fronteiras entre personagem, atriz e diretora. O procedimento também se torna uma forma de investigar o próprio fazer do Mulheres Míticas: ao revisitar uma criação anterior, o grupo pode olhar para sua trajetória, discutir seus modos de criação, buscar uma leveza que acolha a dor e refletir sobre a identidade que vem construindo ao longo dos anos.

Sara Rojo e Jéssica Ribas dividem a cena e a construção dramatúrgica de ***“Desmonte de uma mulher que grunhe”***. Se “A Mulher Porca” foi marcada pela impossibilidade do encontro, a nova criação parte justamente da possibilidade de estar novamente com o público para olhar de frente para aquele trabalho.

Desmontagem: recriação e reflexão

A desmontagem teatral é uma prática que parte de uma obra já existente para revelar e compartilhar com o público os caminhos que levaram à sua criação. Em vez de apresentar apenas o resultado final, a cena se abre para que sejam revisitados seus procedimentos, referências, escolhas, dúvidas e materiais. Na tradição do teatro latino-americano, a prática ganhou especial força a partir do trabalho do Grupo Cultural Yuyachkani, do Peru, que desenvolveu diferentes desmontagens como forma de colocar em diálogo a experiência das artistas, os processos de criação e as questões sociais presentes em suas obras.

É nesse sentido que ***“Desmonte de uma mulher que grunhe”*** se relaciona com “A Mulher Porca”: a obra anterior é um ponto de partida, mas não um roteiro a ser simplesmente reproduzido. Algumas cenas de “A Mulher Porca” retornam à cena, enquanto outras são completamente novas, criadas por Sara Rojo e Jéssica Ribas durante o processo de desmontagem. Entre esses fragmentos, memórias e novas cenas, o trabalho investiga a subordinação das mulheres e as diferentes formas de violência contra as mulheres no Brasil e na América Latina. É uma questão que permanece atual e, diante da persistência e da dimensão da violência de gênero, torna-se cada vez mais urgente. Uma violência que atravessa mulheres de diferentes segmentos e realidades (ainda que de maneiras distintas e com impactos profundamente desiguais) e que, justamente por sua amplitude, exige ser constantemente discutida, nomeada e enfrentada.

A escolha pela desmontagem também marca um momento singular na trajetória de Sara Rojo: é uma rara ocasião em que a diretora está em cena, ao lado de Jéssica Ribas, dividindo não apenas o espaço da apresentação, mas também a construção dramatúrgica. O diálogo com a obra original de Santiago Loza, importante dramaturgo argentino, cuja escrita está na origem de “A Mulher Porca”, ganha, assim, uma nova camada: a criação argentina é revisitada pelo Mulheres Míticas a partir da memória e em dialética com as urgências do presente, tanto o Brasil quanto em outros territórios da América Latina.

A dimensão de encontro se estende ainda para além da cena. Todas as apresentações de “Desmonte de uma mulher que grunhe” são acompanhadas de bate-papos entre Sara, Jéssica e o público. Depois da apresentação, especialmente a partir da escuta das mulheres presentes na plateia, abre-se um espaço para falar sobre as realidades vividas, as experiências de violência e subordinação e as maneiras como a obra reverbera em cada pessoa. A desmontagem, portanto, não termina quando a cena termina: ela continua no diálogo, na troca e na possibilidade de que as questões colocadas pelas artistas sejam confrontadas pelas experiências de quem assiste.

EQUIPE

SARA ROJO (DIREÇÃO, ATUAÇÃO E DRAMATURGIA)

É diretora teatral, Professora Titular da UFMG e bolsista de produtividade do CNPq. Possui graduação em Letras pela PUC-Chile, Mestrado em Artes pela State University of New York, Mestrado em Letras Hispânicas pela PUC-Chile e doutorado em Literaturas Hispânicas pela State University of New York. Realizou três pós-doutorados, na Università degli Studi di Bologna e na Universidad de Chile e na Cineteca Nacional do Chile. Fundou em 1995, em Belo Horizonte, o Mayombe Grupo de Teatro e, desde então, assumiu a direção dos 12 espetáculos do grupo. Foi indicada ao Prêmio Sinparc de Melhor Direção, em 2013, pelo espetáculo Klássico (com K). Em 2011, foi indicada aos prêmios Sated-MG de Melhor Direção Teatral e Prêmio Sinparc de Melhor Direção Teatral pelo espetáculo “A Pequenina América a sua Avó Şifrada de escrúpulos”. Desde 2014, é diretora do Mulheres Míticas. Possui livros, artigos e capítulos de livros publicados sobre teatro latino-americano, literatura e cinema.

JÉSSICA RIBAS (ATUAÇÃO E DRAMATURGIA)

Atriz, Professora e Pesquisadora. Possui Doutorado e Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da FALE/UFMG. É Licenciada em Letras pelo Centro Universitário Claretiano, Bacharela em Interpretação Teatral e Licenciada em Teatro pela EBA/UFMG. Iniciou os estudos teatrais em 2007, atua profissionalmente desde 2009. Ministrou oficinas de “Iniciação Teatral” em 2012 no Programa Escola Integrada – PEI, uma parceria entre a Pró-Reitoria de Extensão da UFMG e a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. Foi bolsista do Programa Encontros com Arte no Centro Pedagógico da UFMG durante dois anos, tendo o trabalho sido selecionado como Relevância Acadêmica no XIX Encontro de Extensão em 2016. Desempenha atividades como parecerista de projetos culturais, figurinista, produtora, diretora e locutora, já tendo organizado seminários de pesquisa e debate, participado de bate-papos e comunicações, traduzido uma dramaturgia, integrado apresentações nacionais e internacionais, participado de performances teatrais e literárias, mediado e se apresentado em lives, gravado audiolivros e empreendido projetos artísticos junto a editais de cultura. Integra o Grupo Mulheres Míticas desde sua fundação (2014) e atua como Professora de Teatro EFAI e EI no Colegium Rede de Ensino.

MULHERES MÍTICAS

O grupo de teatro Mulheres Míticas surgiu em 2014, com a estreia do espetáculo “Clamour + E se Eva não tivesse dentes?” (2014). Desde então, o coletivo vem construindo uma trajetória marcada pela pesquisa sobre as relações entre teatro, gênero e política, com trabalhos apresentados em diferentes cidades do Brasil e também no exterior. Entre seus espetáculos estão “O Deserto” (2016), vencedor do 4º Prêmio Beagá Cool, na categoria Artes, “Classe” (2019), primeira montagem mineira de um texto do dramaturgo chileno Guillermo Calderón, “Hilda Penha” (2021), teatro-vídeo criado a partir da obra da dramaturga chilena Isidora Stevenson, “A Mulher Porca” (2023) e “Balada para Sofrer com Gusto” (2024), que marcou os 10 anos do coletivo. Com “Classe”, o grupo realizou suas primeiras apresentações internacionais, no Chile.

Em 2020, o Mulheres Míticas lançou “Mulheres Míticas em Performance” (Editora Javali), publicação que reúne textos de seus espetáculos “Classe” e “O Deserto” e artigos de integrantes e colaboradores. Durante o período de isolamento social, o coletivo também experimentou a linguagem audiovisual com “Hilda Penha” (2021), trabalho realizado em parceria com a atriz Marina Viana e selecionado pela representação brasileira da Quadrienal de Praga como um dos destaques da produção brasileira entre 2019 e 2022. Em “A Mulher Porca” (2023), o grupo trabalhou sobre o texto do dramaturgo argentino Santiago Loza, com tradução de Ibi Monte, dando continuidade à pesquisa sobre as possibilidades de criação cênica a partir da dramaturgia contemporânea. Em 2026, o

Mulheres Míticas faz sua primeira criação para o público infantil, “Nossas Heroínas”, de João Santos, resgatando a biografia de precursoras latino-americanas de diferentes áreas do saber, estreia “Desmonte de Uma Mulher que Grunhe” (2026), desmontagem de “A Mulher Porca”, dando continuidade à investigação sobre o espetáculo e seus procedimentos de criação, e trabalha na criação de “A Vingança das Ninfas (caídas)”, obra escrita por Isidora Stevenson especialmente para o coletivo.

DESMONTE DE UMA MULHER QUE GRUNHE

FICHA TÉCNICA

Criado a partir do texto "A mulher porca" de Santiago Loza

Dramaturgia: Sara Rojo, Jéssica Ribas e Santiago Loza

Direção: Sara Rojo

Assistência de direção: Luisa Lagoeiro

Elenco: Jéssica Ribas e Sara Rojo

Produção e Operação de Luz: Maria Mourão

Edição vídeo "A Mulher Porca": Raquel Junqueira

Atuação em vídeo: Jéssica Ribas e Felipe Cordeiro

Adaptação de vídeo, Orientação corporal e identidade visual: Túlio Cassio

Divulgação, operação de vídeo e som: João Santos

Trilha Sonora: Juan Rojo

Confecção de Figurinos: Teresa Texto Tecido

Foto de Divulgação: Mateus Lustosa

Apoio: Teatro Universitário

Realização: Mulheres Míticas

Apoio: Apubh

Agradecimentos: Cris Tolentino, Denise Pedron, Henrique de Medeiros, Isabela Arvelos, Rogério Lopes, Sebastião Pádua e Núcleo de Criação Roda de Mulheres.

INFORMAÇÕES PARA A IMPRENSA: zumzumcomunicacao@gmail.com | (31) 99903-9740
